



## Instituto Superior Técnico

### **Luís de Almeida Alves**

#### **Professor Jubilado e antigo Director do IST**

No dia 26 de Março, último, faleceu o Professor Luís de Almeida Alves, professor catedrático jubilado do Instituto Superior Técnico e seu antigo director, desde 1958 a 1970.

Recorda-se aqui a sua importante acção na vida do Instituto. Imprimiu modernidade administrativa a todos os níveis de decisão. Foi um excelente gestor.

Medidas aparentemente simples foram tomadas, mas isso bastou para que a vida do Instituto ganhasse inovação e em muitos aspectos fosse verdadeiramente modelar.

A acção do Professor Almeida Alves foi decisiva nas medidas que tomou para a fixação de docentes no Instituto, assegurando o preenchimento das vagas então existentes no quadro de professores.

É reconhecida a sua dedicação ao Instituto, ao qual entregou a energia portentosa de que era dotado e a alegria desmedida que dele emergia em forma vãria e multifacetada.

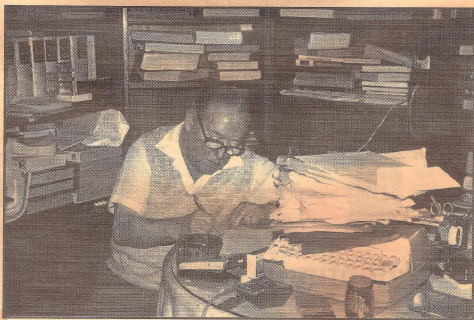
Recordam-se, entre outras acções, o impulso que deu à Biblioteca do IST, e à organização de Semanas Culturais onde, com regularidade, se promoviam concertos e se convidavam os professores a falar nas efemérides associadas aos homens ilustres da ciência, da técnica, das letras.

Na sua acção pedagógica como professor da Cadeira de Química Tecnológica os alunos beneficiaram de alguém que, além de técnico ilustre, era pleno e se valeu sempre de cultura, ciência e arte de bem pensar e administrar.

Recorda-se, com saudade, o Engenheiro, o Professor, o Pedagogo, o Director, e o Homem, que foi Luís de Almeida Alves.

Expresso - cad. Prime.  
11/1/95

## Obituário



## Luís de Almeida Alves

Laurinda Alves

## O SENHOR DIRECTOR

Sabia coisas extraordinárias, falava de «sedimentação», «espessamento», «centrifugação» e «cristalização» como quem conta um conto de crianças. Escrevia artigos profundos e dava-lhes nomes irreais como «Estudo Estático da Obtenção de Ácido Fosfórico por Via Húmida» ou «A Integração da Equação do Calor». Pensava, repensava e consumia-se na «Evaporação Adiabática em contracorrente», lavrava caminho teórico para os «Aduhos Fosfatados» e fez história na superconhecida Superphosphate Manufacturers Association. Coisas de engenheiro.

Luís Alves era um barra. Quando estudava batia todos os recordes. Vinte valores na pauta era a sua média. No Técnico chegou a ser aluno e professor ao mesmo tempo. Aconteceu no quinto ano quando foi chamado a ser assistente. Cumpriu o magistério com igual brilho. O rapaz prometia.

Formado em Engenharia Química tratou de elevar a existência prosseguindo os estudos. Ensajava teorias inéditas e aplicava-se em práticas inovadoras. Em boa verdade Luís Alves nunca abandonou os livros, nem mesmo quando a idade e a saúde o confinaram às quatro paredes da sua casa.

Timido, reservado e um tudo

nada aéreo, Luís Alves não era homem que desse nas vistas. «Quem o visse não dava nada por ele», confessa Maria de Lourdes Pintasilgo, amiga, antiga aluna e, mais tarde, colega. «Não se impunha pela presença física mas a partir do momento em que começávamos a trabalhar e a conversar com ele revelava toda a sua riqueza.»

Enquanto professor foi um homem profundamente inovador e moderno. «Era capaz de aplicar noções teóricas na elaboração concreta de fábricas de produtos químicos. Foi uma das primeiras pessoas que começaram a trabalhar em conceitos de organização e gestão de empresas.»

Pós os seus talentos a render e ao mesmo tempo que dava aulas no Técnico trabalhava na CUF. Chegou a Director-Geral do Barreiro onde existiam pelo menos 88 fábricas e mais de 10 mil trabalhadores. Jorge de Melo lembra a superior inteligência e exemplar competência de um dos seus mais qualificados braços direitos.

Acumulou as funções com a direcção do Instituto Superior Técnico durante 12 anos. Desdobrou-se e jamais aliviou o empenho quer num lado quer noutro.

O filho, Luís Maria, é o primeiro a reconhecer que foram aqueles os dois pilares da sua existência. Neles afundou todo o seu alento e ciência. Ganhou durante muito tempo mas, no

fim e bem vistas as coisas, saiu a perder.

Na CUF, um grupo que se orgulhava de funcionar como uma imensa família onde muitos quadros regulares ou superiores trabalharam sem ter chegado a assinar contrato mas não deixando, por isso, de beneficiar de uma excelente organização social que providenciava desde a assistência médica à colónia de férias, o Professor Luís Alves revelou-se um gestor sábio.

Lógico e racional aplicou o seu espírito matemático numa colossal empresa: criar um espírito de equipa, estimular a criação, dar um avanço tecnológico e científico ao complexo industrial. Cumpriu muito para além disso. «Grande parte do capital científico da CUF foi ele que o acumulou. Abriu a empresa à investigação, fundou uma notabilíssima biblioteca científica e inventariau uma base de dados, numa altura em que o processo de industrialização estava bastante atrasado», declara Maria de Lourdes Pintasilgo. Organizador nato e melômano convulsivo Luís Alves instituiu os colóquios científicos das sextas-feiras à tarde e montou uma estrutura de concertos e actividades culturais que fizeram tradição na CUF.

No Técnico a sua direcção também criou uma lendária. Firme, intransigente e determinado era absolutamente fiel aos seus princípios. A liberdade e a independência

eram aqueles que, porventura, lhe eram mais caros. Por eles fez frente à PIDE no dia em que o regime ordenou que entrassem pelas universidades dentro. Luís Alves plantou-se à porta do Técnico e barrou-lhes a entrada. Durante mais de uma semana não apareceu em casa. Pedeu que lhe levassem o pijama e a escova de dentes e passou a dormir na guarita do porteiro. A sua coragem rendeu-lhe a admiração dos alunos e alguns colegas, e valeu-lhe a exoneração compulsiva em 1969. O regime, sabe-se, não gostava de insubmissos. E, no entanto, Luís Alves era um homem profundamente conservador. Alinhado à direita mas sem o menor empenho no comprometimento político.

O dia em que abandonou o Técnico foi o primeiro em que não se ouviu música no seu gabinete. Foi o primeiro dia do resto da sua vida. Luís Maria, o filho, diz que foi o dia em que se começou a sentir um perdedor.

Depois, o 25 de Abril, desfz-lhe o sonho da CUF e o seu mundo desabou. Sobreviveu 20 anos, vividos numa solidão sem nome. Escolhida, é certo, mas cheia de amargura. Viveu da memória. Dos tempos em que, exausto, chegava ao ringue do seu clube no Barreiro e punha os patins para uma partida de hóquei, o único devaneio que se lhe conheceu para além da música e do Cálculo Diferencial.